

## ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: TEMPOS MÚLTIPLOS DE UM DISCURSO A MUITAS VOZES\*

Tania Risério d'Almeida Gandon\*\*

### Resumo

Este artigo tem como base um dos capítulos de uma tese em história oral, sobre o discurso da memória coletiva de uma antiga comunidade de pescadores, que pode ser considerada como muito representativa da cultura popular tradicional da Bahia. Analisando textos recolhidos em entrevistas desta pesquisa oral, discutimos aqui alguns aspectos relativos à forma como o tempo da experiência vivida se reflete na maneira como se fala do tempo. Tradição e história se entrelaçam neste discurso a muitas vozes sobre a memória histórica local, sugerindo uma periodização própria.

### Palavras-chave

Tempo; memória; tradição; história; cultura popular.

### Abstract

*This article is based on one of the chapters of a thesis on Oral History. The chapter deals with the discourse of the collective memory of an ancient fishermen community, which is still very representative of the traditional popular culture of the state of Bahia, Brazil. Analyzing the oral texts collected in our field research, we discuss certain aspects concerning how the time of the lived experience is reflected in the way people speak about time. History and Tradition intermingle along the interviews dealing with the historical memory of this group. Certain expressions of the time, shared by many voices in this collective speech, structure a particular way of conceiving a (hi)story of their own.*

### Key-words

*Time; memory; tradition; history; popular culture.*

---

\* Este artigo foi elaborado tendo como base um dos capítulos da minha tese de doutorado dirigida pelo professor Philippe Joutard e defendida em 1993, na Universidade de Aix-en-Provence, com o título *La Voix d'Itapua: images du passé et vision du changement – ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'Etat de Bahia, Brésil.*

\*\* Professora da Universidade de Salvador (Unifacs) em missão como professora visitante na Universidade Pierre Mendès-France, de Grenoble. Professora licenciada da UEFS (Bahia).

O tempo é o substrato primordial da história, mas estabelecer as relações entre o tempo, a história e a duração é um dos grandes problemas da historiografia, seja em se tratando do tempo meteorológico e cíclico da natureza e de suas estações, seja quando se trata do tempo vivido e registrado por indivíduos e grupos sociais, como afirma Jacques Le Goff<sup>1</sup>. Segundo este autor, a cronologia, fio condutor da história, tem como instrumento principal o calendário, quadro temporal fundamental do funcionamento das sociedades. Revelando o esforço das sociedades humanas para domesticar o tempo ritmado pelos elementos da natureza e para transformar o tempo cíclico do “eterno retorno” em tempo linear e mensurável, o calendário, produto e expressão da história, ao mesmo tempo em que denota ligações com origens míticas e religiosas da humanidade, liga-se aos avanços tecnológicos e científicos na precisão de medidas de tempo<sup>2</sup>.

Medir a duração de um tempo vivido, porém, não é tarefa a ser feita com precisão rigorosa, pois sua percepção depende de disposições subjetivas e/ou simbólicas, especialmente na maneira como a memória individual e coletiva restitui em discursos suas experiências passadas. Mircea Eliade faz alusão, por exemplo, à atitude de hostilidade do homem de sociedades tradicionais face a toda tentativa de uma história sem regulação arquetipal<sup>3</sup>. Embora este autor tenha se referido em particular ao caso do homem de sociedades arcaicas do período pré-socrático, acreditamos que esta sua reflexão, com as nuances adequadas, pode ser aplicada também a outras situações humanas ao longo da história.

Na intenção de “fazer história” com base em relatos orais de uma comunidade popular e tradicional da Bahia, decidi que o melhor caminho seria o de seguir as demarcações de tempo sugeridas pelas narrativas individuais gravadas em entrevistas realizadas com membros da antiga comunidade de pescadores de Itapuã<sup>4</sup>. Nestas entrevistas, constatei a existência de uma memória coletiva em que a história do antigo vilarejo de pesca é narrada num discurso a muitas vozes, que se estrutura em torno de certos eixos temáticos e de certos marcos temporais. Percebi, com efeito, que uma periodização

---

1 Jacques Le Goff, *Histoire et mémoire*, Paris, Gallimard, 1986.

2 Idem, p. 24.

3 Mircea Eliade, *Le mythe de l'éternel retour; archétypes et répétition*, edição revista e ampliada, Paris, Gallimard, 1969, p. 12.

4 Este trabalho teve como principal fonte documental um acervo de 53 horas e meia de entrevistas gravadas com antigos moradores de Itapuã, privilegiando como objeto de estudo a memória transmitida oralmente por aqueles que se autodefiniram como itapuãzeiros ou “filhos da terra”.

bastante ampla e flexível se revela na estruturação de todos os relatos que aí gravamos. Seguindo a lógica interna destes relatos, foi possível agrupar os múltiplos marcos referenciais de tempo em *três grandes períodos*:

- o “*tempo dos antigos*” ou “dos mais velhos”, daquilo que se ouviu contar;
- o “*no meu tempo*” que diz respeito ao passado vivido pelos entrevistados quando eram mais jovens ou, no caso dos entrevistados idosos, ao tempo em que estes se sentiam mais ativos na vida social,
- o “*hoje*” ou o “*agora*”, que se reporta ao presente imediato, correspondente ao momento da entrevista, mas também, e sobretudo, ao período de transformações radicais e extremamente rápidas ocorridas na antiga vila de pescadores, que, uma vez anexada ao tecido urbano da capital, vai se transformar no que se pode considerar como um bairro de Salvador a partir do final dos anos 60.

### *Os tempos múltiplos de um discurso coletivo*

A periodização própria à memória histórica de Itapuã, tal como se revela no conjunto dos textos orais que recolhemos entre os itapuãzeiros, suscita certas interrogações sobre os parâmetros de demarcação dos três grandes períodos que destacamos nas narrativas. A oposição entre passado e presente é clara, quanto a isto não há dúvidas. Mas qual é, por exemplo, o ponto de partida desta memória histórica? Qual a natureza e o sentido dos tempos narrados? Quais são seus limites?

As expressões “antigamente” e “naquele tempo” pontuam e demarcam o discurso sobre o passado; tanto daquele passado que se ouviu contar, quanto do passado mais próximo, aquele vivido pelos próprios narradores. A expressão “nesse tempo” é usada, algumas vezes, no mesmo sentido das duas outras citadas. Algumas vezes, também, uma entonação enfática é dada ao termo “antigamente”, quando se quer sugerir a idéia de muito remoto: “an-ti-ga-meeeen-te”... O gesto de estalar várias vezes os dedos reforça a sugestão de passado longínquo. Notemos que a entonação da voz e o gestual, elementos essenciais na comunicação oral, têm uma importância fundamental no falar tradicional do baiano.

No conjunto dos textos orais gravados em Itapuã, é numa entrevista com Seu Miguel Arcanjo dos Santos, nascido em 1906, que se encontra a alusão de tempo que remonta mais longe no passado. Na primeira entrevista que deu, em 1987, ao pesqui-

sador Carlos Ribeiro, do Projeto História dos Bairros de Salvador, Miguel Budião, como era também conhecido, falou sobre a criação de Itapuã no tempo dos índios, seus ancestrais. Analisando seu discurso como um todo, percebe-se que este tempo, já tão antigo, limita-se com um passado ainda mais remoto, o tempo da natureza, que o velho pescador evoca quando fala sobre a criação da Lagoa do Abaeté, no “começo do mundo”, período que parece se delinear nebulosamente na fronteira com o atemporal, e é apresentado como anterior ao próprio “tempo dos homens”, como diria Jean-Noël Pélen<sup>5</sup>.

Procurando estabelecer um esquema abrangente e flexível de classificação dos tempos múltiplos, que podem ser destacados na análise do conjunto dos depoimentos gravados em Itapuã, foi-nos de grande utilidade a orientação proposta por Pélen. A partir de um quadro geral que ele traçou para uma melhor compreensão dos tempos mais significativos encontrados nos textos orais que tem analisado, este pesquisador destaca:

- o “*tempo da Criação*”, incluindo-se aí o “tempo da natureza”;
- o “*tempo das grandes lendas*”, como a do gigante Gargântua que deixou marcas em pedras legendárias;
- o *tempo do “era uma vez*”, tempo dos contos e de certos episódios ocorridos em gerações passadas que se tornaram casos lendários na memória de um grupo (já estamos aí no “tempo dos homens”, relatados em termos de uma história mitificada);
- o *tempo dos testemunhos diretos* em relação a uma experiência vivida: tempo da história vivida.<sup>6</sup>

Percebendo que existem pontos de correspondências entre esta classificação proposta por Pelén e os tempos que se destacaram na análise dos textos orais recolhidos na nossa pesquisa, cheguei ao seguinte esquema para uma classificação possível dos tempos do discurso da memória oral de Itapuã:

---

5 Ver Jean-Noël Pelén, “Légendes et récit de l’Histoire – Introduction”. *Provence Historique*, fascículo 198, 1999 e, do mesmo autor, o artigo neste número de *Projeto História*.

6 Esquema traçado de modo informal durante um dos momentos de troca de idéias entre pesquisadores. Jean-Noël Pelén é responsável pela coordenação do grupo interdisciplinar de pesquisa do programa *Représentations/La Construction du Récit Collectif*, da UMR Telemme/Maison Méditerranéenne des Sciences de l’Homme, de Aix-en-Provence.

- o tempo mítico da criação do mundo, tempo da natureza, no qual se pode incluir o aparecimento de entidades fantásticas que representam as forças naturais, como no caso dos orixás e das sereias;
- o tempo das grandes lendas míticas, como a da passagem de “santos” que deixaram a marca de seus pés em várias pedras da região;
- o tempo legendário dos ancestrais, no qual se incluem: o tempo da criação de Itapuã pelos índios, o “tempo dos africanos”, o tempo impreciso de certos “causos”, a exemplo dos casos de terror e mistério na Casa da Torre de Garcia d’Ávila;
- o “tempo da baleia”, expressão do que corresponde, freqüentemente, à idealização do passado como período de abundância em contraste com o presente; este tempo mitificado se inclui na longa duração do “tempo dos antigos”, período que vai do tempo legendário ancestral até o tempo vivido por parentes próximos de muitos entrevistados, e mesmo por alguns dos entrevistados mais velhos;
- o tempo do testemunho direto, que abarca outros marcos significativos de tempo, a saber:
  - o tempo da “Antiga Itapuã”, que se refere ao passado vivido numa Itapuã de outrora, estrategicamente mitificada; período que corresponde também, em linhas gerais, ao “no meu tempo”, termo utilizado para exprimir uma época em que se era “alegre e jovem”;<sup>7</sup>
  - o “tempo da Loba”, que pode ser incluído na classificação geral do período que corresponde ao “no meu tempo”, mas que marca a chegada de elementos do progresso, com a primeira “marinete” a facilitar as comunicações entre o vilarejo de pesca e a “cidade”<sup>8</sup>;
  - o antes e o depois da abertura da avenida litorânea Otávio Mangabeira;
  - o “agora”, expressão de uma ruptura histórica em que as transformações locais se aceleram em progressão, período marcado por descontinuidades no contínuo da história....

---

7 Fui tentada ao jogo de palavras, citando a expressão “alegre e jovem” de um verso da canção *Itapuã*, de Caetano Veloso.

8 “Loba” foi o nome dado pelos *itapuãzeiros* ao pequeno ônibus, ou “marinete” – como se chamava então este tipo de transporte coletivo na Bahia – que inaugurou a linha entre Itapuã e o centro de Salvador. O ronco do motor do veículo fez brotar tal nome no imaginário de um lugar onde jamais existiram lobos.

## *Entre o mítico e o mitificado*

O tempo, no qual se passaram os eventos mais remotos e lendários, parece adquirir uma qualidade transcendente e uma dimensão simbólica nos relatos dos itapuãzeiros. O discurso sobre tais eventos é marcado por um ritmo mais lento, inclusive na entonação da voz dos narradores, que tende a se tornar mais baixa. Muitas vezes, a imagem de uma pedra surge nas narrações que compõem o discurso coletivo sobre este passado infinitamente distante. É o caso, por exemplo, da maioria dos relatos que falam sobre a Pedra de São Tomé, aquela na qual o apóstolo de Cristo teria deixado a marca dos seus pés quando da sua passagem por Itapuã. Esta pedra encontra-se submersa na praia de Piatã; ela só se descobre e aparece em períodos de marés extremamente baixas.

Seu Edgar, nascido em 1913, afirmou que, outrora, a Pedra de São Tomé estava sempre à vista, mas que:

*Depois... que a inteligência, não é?... digamos assim, foi acordando... não sei porque desapareceu.*

Quando pedi um maior esclarecimento sobre esta frase, ele respondeu:

*Porque no tempo que a inteligência dormia, aparecia uma porção de coisa e a pessoa ficava horrorizada com aquela coisa que aparecia, e depois que a ciência acordou tudo vai desaparecendo.*

No limite entre o mítico e o mitificado, o período correspondente ao “tempo dos mais velhos” é um longo espaço de tempo que se estende do passado ancestral até o “no meu tempo” dos narradores. Sempre assinalados por certas expressões que fazem referência “aos antigos” ou “aos mais velhos”, os relatos sobre este período falam sobretudo de fatos ocorridos nos anos que fecham o grande ciclo do “tempo da baleia”. Algumas das pessoas entrevistadas, como Dona Chica, Dona Sinhorinha, Seu Edgar e Seu Miguel, viveram o fim desta época no começo de suas vidas.

O “tempo da baleia” inscreve-se na longa duração do “tempo dos antigos”. Um velho pescador nos deu a entender que “o tempo dos negros africanos” corresponderia à fase mais antiga da pesca da baleia, quando existiram em Itapuã engenhos onde se fabricava óleo, usado na iluminação da “cidade”. No entanto, a maioria dos relatos sobre a época em que se pescavam baleias nas costas de Itapuã e na baía de Todos os Santos narra sobretudo os feitos dos grandes pescadores, que muitos depoentes chegaram

a conhecer pessoalmente, como Seu Dão e Damásio, reconhecidos como heróis. Falam também de uma época de saúde e prosperidade vivida pela comunidade pesqueira. Com poucas exceções, pelo menos à primeira vista, a lembrança de fatos relativos ao tempo da baleia não remonta a mais de quatro gerações: a geração dos entrevistados mais velhos, a dos seus pais, a dos seus avós e, em alguns casos, a dos seus bisavós. Por outro lado, os relatos dos poucos pescadores, ainda vivos, que estiveram envolvidos na pescaria de baleias demonstram que as técnicas que aprenderam no século XX se assemelhavam muito àquelas sobre as quais se encontram informações escritas em documentos de séculos passados.

A pesca e a fabricação do óleo da baleia em Salvador e seus arredores remontam aos tempos coloniais. Dados bibliográficos permitem remeter o começo da pesca da baleia nesta região ao século XVII<sup>9</sup>, mas as informações sobre os últimos anos desta atividade em Itapuã são obtidas essencialmente pela transmissão oral. Os textos orais que recolhemos assinalam o fim do “tempo da baleia” entre os anos 1910 e 1920<sup>10</sup>.

Este “tempo da baleia” é o marco temporal mais importante do discurso registrado nesta pesquisa. Trata-se de um período muito significativo como referência histórica e identitária para a comunidade dos itapuãzeiros. A memória deste tempo permanece bem viva nas narrações dos habitantes tradicionais de Itapuã, pois ossos de baleia ainda podem ser vistos na praia ou guardados como relíquias em jardins e salas de várias casas. A transição entre a última geração do “tempo da baleia” e a geração seguinte, nascida nas primeiras décadas do século XX, é demarcada de forma simples pelos entrevistados que pertencem a esta geração. Nos seus relatos, eles assinalam esta passagem empregando expressões como “no meu tempo”, “na minha época”... O enunciado “no meu tempo de menino(a)” sugere uma superposição de tempos, uma situação intermediária entre o “tempo dos mais velhos” e o passado vivido pelos narradores.

A estrutura e o conteúdo das falas indicam que a nova geração se vê como prolongamento da precedente e aceita este fato com naturalidade, como ocorre de modo

---

9 Miriam Ellis. *A pesca da baleia no Brasil Colonial*, Coleção da Revista de História XIV, São Paulo, 1958. Este tema é retomado em um outro capítulo da minha tese. Ver: Tania Penido Monteiro. *La Voix d'Itapuã: images du passé et vision du changement – ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'État de Bahia, Brésil*. Universidade de Aix-en-Provence, 1993, capítulo sobre a pesca, pp. 212 a 240.

10 A pesquisa oral é indispensável aos que queiram realizar um trabalho aprofundado sobre este tema tão pouco estudado pela nossa historiografia, em razão, talvez, da dificuldade de encontrar documentos a este respeito nos arquivos baianos.

geral em sociedades ditas tradicionais. A análise de um trecho de entrevista com Dona Francisca Passos ilustra com imagens discursivas uma faceta interessante deste mecanismo social.

Dona Francisca Passos, ou melhor, Dona Francisquinha, como ela gosta de ser chamada, guarda até hoje a preocupação em contribuir para manter viva a festa São Tomé, da qual ela “faz parte” e da qual sempre participou:

*Desde quando eu era menina faço parte dessas festas, acompanhava os meus mais velhos. Mas meus avós, meus bisavós, tudo já vinha assim.*

### *Quando tradição e história se entrelaçam no tempo*

Algumas vezes há como que uma “parada” ou “um salto” no fluir dos diferentes tempos que se imbricam ao longo de uma narração. Isto acontece quando se fala, por exemplo, da descontinuidade de um costume, do fim de uma prática; mas acontece também quando se descreve um evento “fundador” de certas práticas e rituais. Neste caso, a evolução da prática, “inaugurada” pelo evento “fundador”, é narrada na dinâmica do tempo da história, mas o evento “fundador” permanece, ele mesmo, como um “monumento”, como fato pleno em si próprio, imóvel em sua essência como referência ou modelo arquetipal.

Observemos que os narradores empregam muitas vezes e de forma engenhosa os tempos dos verbos, não somente para ritmar os diversos tempos da narração, mas também para sugerir diferentes sentidos de cada um dos verbos empregados em sua relação com os ditames da memória.

O tempo perfeito – ou pretérito – é utilizado para descrever um evento “fundador”, evento que é formulado como marco de uma revelação, de uma descoberta, de uma inovação ou mesmo de uma descontinuidade. O imperfeito é usado espontaneamente para descrever ações que se desenvolvem no dinamismo do movimento da história a partir do evento “fundador”. O presente é utilizado quando a ação continua a se realizar nos tempos atuais, especialmente se estas ações envolvem a pessoa que fala. Eventualmente aparecem *lapsus*, os chamados “atos falhos”, tão comuns à comunicação oral. No caso dos tempos de verbos, não raro um entrevistado emprega um tempo que não está de acordo com a lógica habitual de seu emprego, como, por exemplo, quando a pessoa que fala utiliza o presente para descrever fatos passados<sup>11</sup>.

---

11 A interpretação desta particularidade do emprego da língua, e de suas implicações psicanalíticas, ultra-

O texto oral de Dona Francisca Passos, abaixo transcrito, ilustra a superposição de tempos num relato sobre a festa de São Tomé, no qual o evento fundador e mítico da “descoberta” de uma pedra sagrada e os eventos rituais que se seguem – e se concretizam, a cada ano, em festas comemorativas – fundem-se sem se confundir. Esta festa, que ocorre a cada ano entre a noite de 20 de dezembro e a madrugada do dia 21, diante da pedra “do santo”, remonta a um passado muito remoto cuja datação se perdeu no tempo.

Este texto corresponde ao que foi dito no início da primeira entrevista realizada com Dona Francisquinha. Ao nos abrir seu coração, pronta a doar-nos lembranças guardadas na memória, esta senhora abriu-nos também a porta de sua casa e a de sua comunidade, facilitando e enriquecendo a pesquisa do Projeto História dos Bairros de Salvador. Considerada como um verdadeiro “arquivo” da história local e “cabeça” da associação Mantendo a Tradição, ela está sempre disponível a contar o que sabe sobre o lugar onde nasceu e morou toda sua vida. Antes de mais nada, ela nos conclamou que a história de Itapuã não deveria nunca cair no esquecimento. Foi lançada então a pergunta: “*O que é história para a senhora?*”.

E ela começou a responder utilizando a palavra “história”, mas terminou sua explicação com a palavra “tradição”.

*História, olhe, história é as coisas que contavam os mais velhos, contavam à gente, e que nós encontramos aqui em Itapuã. Uma história verdadeira... Pra te dizer: em 1602, um pescador achou uma pedra na praia de São Tomé, hoje Piatã (...), e apareceu essa pedra no dia 21 de dezembro de 1602, um pescador achou, descobriu a pedra, não é? Com o pé de São Tomé – um pézinho – duas patinhas de cachorro e uma cruz. Então ele disse que era São Tomé, ele deduziu que era São Tomé, por ser 21 de dezembro, dia de São Tomé. E ficou essa festa, ficou havendo essa festa de São Tomé; o pessoal ia pra lá.*

*Nesse dia que ele achou, ele fez uma cruz e o pessoal ficou rezando... Quando podia dizia a missa, que aqui não tinha padre, que aqui era pequenininho. E ficou essa festa de São Tomé de 20 pra 21 de dezembro. Vinte a gente vai lá, reza, faz fogueira.*

---

passa totalmente os limites deste trabalho e demandaria a intervenção de um especialista no assunto. Entretanto, para chamar a atenção de um eventual leitor interessado, certos lapsus, que nos pareceram assaz significativos, foram simplesmente assinalados em algumas das falas transcritas ao longo do texto da tese.

*Era festa de botequim. Sabe o que é botequim? É como uma cabanazinha enfaxinada de palha, e com um balcãozinho pra vender gasosa. Naquele tempo era gasosa, era bolachinha... aquelas senhoras com aqueles baús de doces vendendo bolachinha de goma, cocada e amoda – que você não sabe o que é –, pão-de-ló, bolachinha de goma, manauê, pé-de-moleque, e outras coisas – que eu não me lembro agora, não é?*

*Então ficava esta festinha lá, e as moças iam dançar na praia – a sala de dança – e as senhoras ficavam rezando na capela até de manhã. E de manhã o santo vinha em procissão: o pessoal vinha rezando na frente e a cachaça – o povo da cachaça – vinha atrás cantando:*

(cantando)            *São Tomé, meu pai*  
                              *O povo do samba já vai. (risos)*

*...De pandeiro, de viola, de prato – tocado raspado – aquelas pedrinhas também – que aquelas senhoras batiam – e fazia essa festa. E tinha uma grande fogueira lá.*

*É uma história de verdade. Não é uma história – como é que se diz? –... imaginária – não é assim que se diz? Então é uma história de verdade, essa de São Tomé, e ficou a tradição.*

Dona Francisquinha demonstra aqui sua habilidade em empregar o verbo na construção de uma memória histórica. Até que ponto ela tem consciência de que o tempo da história se sobrepõe ao tempo da tradição neste seu relato?

A história, segundo Dona Francisquinha, é herança legada pelos ancestrais: aquilo que eles transmitiram ou deixaram para as novas gerações, como, por exemplo, a comemoração tradicional da festa de São Tomé diante da pedra sagrada. Após ter contado como a tal pedra foi “descoberta” no século XVII, ela fala das festas que se realizam anualmente como um ritual para manter a tradição. Descreve com detalhes uma festa de São Tomé como esta se realizava outrora... na imagem de um tempo que sua memória selecionou para guardar.

Curioso é perceber como, na sua narração, uma continuidade é estabelecida entre o dia da descoberta da pedra, evento “fundador” de uma tradição, e todas as outras festas e rezas que até os dias atuais têm ao mesmo tempo confirmado e atualizado tal evento. A imagem da pedra e de seres humanos rezando em torno dela, imagem como que imobilizada para a eternidade, parece ser “redescoberta” na dinâmica do tempo da história em cada realização de uma nova festa. A tradição oral, por seu lado, vai também

sendo “recriada” a cada nova narração que a perpetua no tempo. Para melhor ilustrar nossa análise, utilizamos aqui uma grelha proposta pela metodologia desenvolvida por lingüistas do GARS<sup>12</sup>.

<i>E</i>	<i>ficou</i>	<i>essa festa.</i>	
	<i>havendo</i>	<i>essa festa</i>	<i>de São Tomé;</i>
<i>o pessoal</i>	<i>ia</i>		<i>pra lá.</i>
<i>Nesse dia que ele</i>	<i>achou.</i>		
<i>ele</i>	<i>fez.</i>	<i>uma cruz</i>	
<i>e</i>	<i>o pessoal</i>	<i>ficou rezando</i>	
<i>quando podia.</i>	<i>dizia</i>	<i>a missa.</i>	

O relato de Dona Francisquinha sobre a festa de São Tomé nos faz lembrar a seguinte citação de Claude Lévi-Strauss:

a história mítica tem o paradoxo de ser ao mesmo tempo disjuntiva e conjuntiva em relação ao presente... Graças ao ritual o passado “disjunto” do mito articula-se, por um lado, com a periodização biológica e sazonal, e por outro, com o passado “conjunto” que, ao longo das gerações, une os mortos e os vivos.<sup>13</sup>

Assim, a história se concretiza em cada ação humana de fazer ou formular: a cada nova festa como a cada nova narração, que podemos considerar como “ato de palavra”. A tradição aparece nos interstícios desta história, como a pedra de São Tomé,

12 Configurações segundo o método do *Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe* (GARS). Sobre este método ver Claire Benveniste et alii, *Le français parlé – études grammaticales*, Paris, CNRS, 1990, pp. 177a 181 e Claire Benveniste e Colette Jean Jean, *Le français parlé – édition et transcription*, Paris, Didier E., 1986. Este é um método de análise que permite a visualização de conjunto de uma dada formação sintática. Busca-se representar, por meio de grelhas configurativas, a organização de cada frase, ao agrupar os elementos relativos a cada função sintática de forma a bem as distinguir. A unidade da análise gira em torno do verbo, que fica bem destacado.

13 Claude Lévi-Strauss, *La pensée sauvage*, Paris, Plon, 1962, p. 313: “*L’histoire mythique offre le paradoxe d’être simultanément disjointe et conjointe par rapport au présent... Grâce au rituel, le passé “disjoint” du mythe s’articule, d’une part avec la périodicité biologique et saisonnière, d’autre part avec le passé “conjoint” qui unit, tout au long des générations, les morts et les vivants*”. A citação em português é da edição de 1962 da tradução do livro cujo título traduzido é *O pensamento selvagem*, p. 348.

bloco maciço de matéria inconsciente, referência arquetipal que desponta de vez em quando das águas e se deixa “descobrir” nas praias da memória, desaparecendo em seguida ao olhar da “ciência” que acorda em desmistificá-la.

*E apareceu essa pedra no dia 21 de dezembro de 1602  
um pescador achou  
descobriu a pedra, não é ?*

Notemos a escolha dos verbos e de seus tempos nesta frase que encerra o texto:

*Então é uma história de verdade,  
essa de São Tomé.  
e ficou a tradição.*

O ritual consagra, na continuidade do tempo imperfeito, a tradição que “ficou” e que “é” história:

*E ficou essa festa de São Tomé,  
de 20 pra 21 de dezembro.  
Vinte a gente vai lá,  
reza,  
faz fogueira.*

É preciso, porém, datar a história, mesmo que a datação nem sempre corresponda a uma realidade histórica. Como a tradição segue outra lógica de tempo, Dona Francisquinha precisou fazer sua própria pesquisa bibliográfica para poder datar a descoberta da pedra de São Tomé, e encontrou uma resposta no livro *Resumo Chronologico da Bahia*, no qual o autor assinala sua descoberta por um pescador no dia 21 de dezembro de 1602. Na verdade, a informação dada pelo livro é falsa na sua precisão, pois, antes mesmo da chegada dos jesuítas à Bahia, no século XVI, os índios desta região já veneravam a Pedra de São Tomé, que está ligada ao mito de Sumé<sup>14</sup>.

Uma datação exata pode se tornar questão bastante delicada, tanto para o pesquisador como para o informante; uma datação incorreta ou a impossibilidade de datar

---

14 Este assunto foi aprofundado num dos capítulos da minha tese. Ver: Tania Penido Monteiro, *La Voix d'Itapuã: images du passé et vision du changement – ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'État de Bahia, Brésil*, Universidade de Aix-en-Provence, 1993.

determinados eventos não impedem, porém, a compreensão do que significam certos fatos narrados para a memória histórica de uma comunidade. Por outro lado, vale lembrar que as referências escritas nem sempre são mais confiáveis que as fontes orais. O texto acima citado fornece um bom exemplo disto: Dona Francisquinha, preocupada em precisar uma data, introduziu no seu relato oral uma informação incorreta encontrada numa obra escrita; no entanto, ao descrever a festa de São Tomé, ela nos fornece informações minuciosas sobre uma “verdadeira” tradição local. Excluindo o detalhe da datação, apreendido num livro, seu relato sobre este fato cultural assemelha-se a outras descrições desta festa registradas em entrevistas de vários itapuãzeiros, o que demonstra a pertinência do tema como elemento de uma memória coletiva e reforça a coerência do discurso que transmite esta memória a muitas vozes.

### *Sobre a qualidade do tempo*

A análise dos etnotextos recolhidos em Itapuã faz ressaltar o fato de que a vida cotidiana no antigo vilarejo de pesca era regida por uma “qualidade” – ou lógica – de tempo diferente da dos dias atuais. Com a chegada dos elementos ditos do “progresso”, o modo de viver e também de conceber o tempo vai se acelerando gradualmente e, na década de 70, a aceleração da história acaba provocando uma brusca descontinuidade no modo de viver tradicional próprio à comunidade pesqueira local. Passa-se, então, a um outro ritmo de vida. Percebe-se, neste conjunto de etnotextos, que a maneira de viver o tempo se reflete de alguma forma também no modo como ele é dito<sup>15</sup>. Quando se trata de testemunhar sobre as experiências vividas, por exemplo, o ritmo das narrações se acelera, talvez porque se tenha muito a dizer e muitas comparações a fazer.

Se em relação à história mais antiga o passado é compreendido como tempo lendário, a época que corresponde ao passado vivido pelos entrevistados quando Itapuã ainda era um vilarejo de pesca corresponde a um tempo ritmado pelos ciclos da natureza e marcado pela repetição. Vale salientar aqui que o tempo, como movimento, pode ser concebido como *velocidade* mas também como *ritmo*.

---

15 O termo etnotextos pode ser usado para um conjunto de textos orais que veiculam discursos sobre a referências culturais de um grupo. Uma proposta metodológica de pesquisas com etnotextos é detalhada numa publicação elaborada por uma equipe interdisciplinar da Universidade de Aix-en-Provence. Ver J-C Bouvier; P. H Bremond; Ph. Joutard; G Mathieu e J-N Pelen, *Tradition orale et identité culturelle. Problèmes et méthodes*, Marseille, CNRS, 1980.

Diríamos que na “Antiga Itapuã” a lógica de tempo estava mais condicionada ao ritmo do que à velocidade. O modo de viver o tempo era regulado muito mais pelos parâmetros cíclicos da tradição que se deixa guiar pelo ritmo da natureza – como por uma “respiração” natural –, do que pelo sentido linear do progresso, que se deixa conduzir pela racionalidade capitalista, em que a produção e os salários são calculados a partir da cronometria ditada pelo mecanismo dos relógios e em que *time is money*. Lembremos que em Itapuã, outrora, para se otimizar os poucos recursos que a comunidade dispunha, nas atividades artesanais, fazia-se uso de todo o tempo que fosse necessário. Em outras palavras: não se economizava tempo quando se tratava de economizar recursos neste vilarejo onde circulava pouco dinheiro.

Dona Helena Nazaré, nascida em 1926, ao narrar histórias que escutou dos mais velhos sobre tempos ainda mais remotos, utiliza uma imagem sutil e simbólica para marcar a diferença entre o passado ancestral do humilde vilarejo de pesca e a situação atual de Itapuã como bairro habitado por pessoas que vêm no lucro e no enriquecimento valores supremos da vida. Ela confronta, assim, um tempo mítico e mitificado de outrora com os tempos atuais, quando os ricos detêm o poder até de apagar os traços dos antigos, daqueles que viviam quando aí havia abundância de peixes e de paz: “*No tempo que Jesus andou pela praia...hoje os barão passou, apagou o rastro*”.

A oposição entre duas maneiras diferentes de viver e de pensar o tempo, a do passado e a da realidade atual, encontra-se implícita ou explicitamente formulada em todos os relatos que recolhemos. O contraste entre passado como tempo dos pobres e presente como tempo dos ricos é outra constante.

Dona Sinhorinha: “*Naquele tempo a beira da costa era de pobre*”.

Quando nos concedeu uma entrevista, a antiga “mestra” Dona Sinhorinha já estava tão velhinha que nem sabia em que ano tinha nascido, mas se lembrava muito bem de sua infância no “tempo da baleia” e guardava a lembrança das pessoas andando na praia de Itapuã cheia de moscas, quando os pescadores retalhavam uma baleia.

Dona Sinhorinha: “*Aí pisava cachep, cachep, cachep... enchia de mosca... hoje tá pisando em ouro; então o homem deu mais valor*” (dá uma boa gargalhada).

De uma forma admiravelmente concisa, esta senhora assinala contrastes entre os tempos da pesca artesanal tradicional do passado e os tempos atuais, mesmo no que diz respeito à forma como se via e se vivia a pobreza, situação econômica ainda comum à maior parte dos antigos habitantes de Itapuã.

Dona Sinhorinha: “*Hoje uma vaidade, um orgulho, não se olha para pobre. Pobre hoje é um entulho. Antigamente fazia mais caridade*”.

A imagem de uma “Antiga Itapuã”, espelho das reflexões dos entrevistados sobre a época em que o bairro atual ainda era vilarejo de pesca, corresponde ao período que eles demarcam, via de regra, com a expressão “no meu tempo”. Escutando cuidadosamente as falas sobre a Itapuã de outrora, é possível perceber que o tempo aí é sentido e transmitido segundo a lógica de como era então vivido. Nas narrações sobre este período, vozes e palavras chegam mesmo a adquirir uma cadência ritmada por alusões aos elementos da natureza e por canções tradicionais que acompanhavam os trabalhos e consagravam as festas. No entanto, a determinação dos horários e das datas das práticas cotidianas e dos acontecimentos narrados é em geral vaga.

A imprecisão de horários traduz, por sua vez, a forma de viver o tempo numa comunidade que tinha o canto dos galos como despertador e onde a pesca – sua principal atividade – dependia dos caprichos da natureza e do tempo meteorológico. As atividades cotidianas na “Antiga Itapuã” seguiam os movimentos dos elementos: sol, lua, mar, ventos... O ciclo tropical das estações de chuvas e de “bom tempo” regia a vida de trabalho. As festas determinavam os grandes momentos do lazer comunitário.

Se o conteúdo do discurso sobre a “Antiga Itapuã” indica que o tempo vivido no vilarejo de pesca tinha outrora uma qualidade diferente do que se vive no presente, quando se trata de contar os fatos vivenciados pelos entrevistados, seja no passado, seja na atualidade, o ritmo das narrações torna-se mais acelerado do que quando se fala sobre o “tempo dos antigos”. Aparentemente, isto acontece sobretudo porque os entrevistados têm mais o que contar sobre o que viveram e também muitas comparações a fazer.

Ao se referirem ao passado, todos os entrevistados fizeram comparações entre passado e realidade presente no que se refere à paisagem local, a situações pessoais, à situação econômica e social de Itapuã e a certos aspectos culturais, em especial aos que dizem respeito aos costumes tradicionais da comunidade e aos hábitos da vida cotidiana.

As expressões “hoje”, ou “hoje em dia”, e “agora” assinalam o presente – lugar do discurso – mas se referem, de forma mais ampla, a uma atualidade vista como o período em que uma nova realidade aparece irreversivelmente instalada, estabelecendo um contraste radical com o antigo modo de vida local. A data aproximativa do momento de uma “ruptura” na continuidade tradicional da história local é assinalada entre 1968 e 1970. Esta datação coincide com o que dizem os documentos escritos e iconográficos, que se tornam também abundantes desde então.

É sabido que a inserção definitiva da Bahia no processo da industrialização brasileira, com a criação de um parque industrial na Região Metropolitana de Salvador

(RMS), foi acompanhada nesta época por um *boom* demográfico. Como Itapuã e seus arredores se situam em um dos pontos de articulação entre o centro de Salvador e a zona industrial da RMS, suas terras passaram a ser desde então cada vez mais visadas por grandes investimentos imobiliários. Por outro lado, o fenômeno dito de “invasões” vai semear na região inúmeros aglomerados habitados por uma população extremamente pobre, constituída principalmente por migrantes vindos de zonas rurais. O crescimento do bairro se acelera principalmente na década de 70, com a multiplicação paralela de loteamentos luxuosos e de barracos paupérrimos.

No imaginário da cidade, Itapuã guarda ainda suas características tradicionais, que o turismo explora e alimenta. Minoritários num bairro populoso, os itapuãzeiros são visto mais como símbolos da “gente boa” da Bahia do que como indivíduos que batalham pelos seus direitos de cidadania e de inserção na sociedade global. A escuta do que diz o “povo de Itapuã” possibilita uma compreensão mais justa da chamada cultura popular baiana, da qual o grupo “faz parte”.

### *Conclusão*

A análise de um conjunto de etnotextos recolhidos entre membros da comunidade tradicional da antiga vila de pesca de Itapuã permitiu que as expressões de demarcações de tempo recorrentes no conjunto dos textos orais fossem agrupadas em três grandes períodos: o passado do que se ouviu contar, o passado vivido e o presente.

Os relatos dos itapuãzeiros deixam transparecer que o tempo é percebido como dotado de uma “qualidade” própria a cada um destes períodos. Ele é legendário e mítico à medida que se recua no passado. Por outro lado, os narradores afirmam freqüentemente que é impossível datar os eventos narrados quando se trata do que ouviram os mais velhos contar. Alguns dos entrevistados tentaram dar uma ordem cronológica aos eventos relatados e houve até mesmo aqueles que buscaram uma datação aproximada estabelecendo comparações com outros fatos<sup>16</sup>. De um modo geral, porém, o discurso sobre o passado ancestral é caracterizado por uma atmosfera de mistério e nunca é linear.

---

16 Existem também aqueles que se interessam em realizar suas próprias pesquisas, interrogando outras pessoas, buscando em jornais e em livros dados que respondessem às suas interrogações sobre a história de Itapuã.

Uma “qualidade” de tempo própria às sociedades ditas tradicionais caracteriza, por sua vez, as narrativas sobre o passado vivido na “Antiga Itapuã”<sup>17</sup>. O movimento de transformação da tradicional aldeia de pescadores em bairro de Salvador é percebido como um tempo de mudanças radicais, antecedido por um período mais tranqüilo – anos 50 e início dos anos 60 –, quando os fatores ditos “do progresso” traziam mais esperanças de melhora de vida do que ameaças de desemprego, de exclusão social, de degradações ecológicas... denunciadas também nas entrevistas.

No entanto, os relatos dos itapuãzeiros não são necessariamente nostálgicos. Embora pontuado por contradições no que concerne sobretudo aos julgamentos suscitados pela visão do passado, o discurso que veicula a memória de Itapuã – em relatos que vão do saudosismo à militância – participa do processo de construção dos referenciais identitários deste grupo comunitário. Chegamos à conclusão, pelas entrevistas realizadas com jovens deste grupo, que as referências do passado são fundamentais tanto para a dinâmica das tradições, quanto para a dinâmica da história de Itapuã como realidade cotidiana concretamente vivida. São fundamentais igualmente como objeto para uma “re-visão” crítica e consciente da tradição e da história como discursos.

---

17 Ver a este propósito Micea Eliade, *Le mythe de l'éternel retour*, op. cit.; para uma análise mais atual sobre o assunto ver Gérard Lenclud, *La tradition n'est plus ce qu'elle était*, *Terrain*, n. 9, out. de 1987. pp. 110 a 123.